



Décadence, Vontade de Potência e a Crítica a Wagner no Pensamento de Nietzsche

Brígida Caroline de Resende¹

Resumo: Nietzsche critica a Modernidade devido à decadência cultural enxergada por ele, que posteriormente o levará à concepção do *niilismo*. A unificação alemã, liderada por Otto von Bismarck, é um dos diversos fatores que corrobora para a disseminação da ideia de *décadence*, conceito central utilizado na crítica nietzscheana à Alemanha. Por sua vez, Bismarck se junta a Wagner – antes uma inspiração para Nietzsche – e cria um projeto cultural voltado à industrialização do recém-formado país, que, naquela época, chega a um dos seus auge na posterior Segunda Revolução Industrial. A cultura, que antes era prestigiada por alemães aristocráticos, por meio de conceitos como *Bildung* (formação intelectual e de caráter voltada aos nobres), passa a ser uma *cultura da máquina*, na qual sua única função é descansar os operários para que eles produzam no dia seguinte. Nesse contexto, ocorre à crítica de Nietzsche às obras de Wagner. O objetivo dessa pesquisa é analisar essas condenações tanto a Wagner quanto a Bismarck. Para isso, foram feitas leituras pormenorizadas, principalmente, dos livros *Nietzsche contra Wagner* e *O caso Wagner*, além de outras obras produzidas no mesmo ano pelo autor: *Ecce Homo* e *Crepúsculo dos Ídolos*. Essas obras têm uma ligação profunda entre seus temas, sendo consenso, entre os pesquisadores do autor, analisá-las em seu conjunto. Conclui-se que o conceito de *décadence* é um dos mais importantes na fase final do pensamento nietzscheano, se tornando necessário o seu estudo para entender sua crítica feita à cultura da Alemanha de seu tempo.

Palavras chave: *décadence*. Cultura da máquina. Modernidade. *Niilismo*.

INTRODUÇÃO

Nietzsche via a modernidade como um período de decadência cultural, marcado pela perda de valores elevados e pela ascensão do *niilismo*. O autor acreditava que a busca desenfreada por riqueza material, promovidas pelo aumento da industrialização, que depois desembocaria na Segunda Revolução Industrial eram expressões dessa decadência. Nietzsche argumentava que o avanço do capitalismo industrial promovia uma mentalidade de rebanho e uma *cultura da máquina*, definição essa que alude a determinada coesão social direcionada ao trabalho e à organização política totalizante, que ocorre por meio de forças impessoais e de potenciais de intelectualidade dirimidos. Nesse sentido, a individualidade era suprimida e os valores autênticos eram subjugados em favor da busca pelo lucro e do conforto material.

¹ Mestranda em filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Email para contato: brigidafacul@gmail.com

Ele via a cultura como sendo cada vez mais orientada para o entretenimento e a satisfação imediata, em detrimento da criatividade, da excelência e da profundidade. Entretanto, Nietzsche não era inteiramente contra a noção de economia e troca, questões associadas à modernidade *per se*. Ele reconhecia a importância da troca de bens e serviços como parte da vida social. Sua crítica, a priori, se direcionava principalmente à mentalidade consumista e à busca desenfreada por riqueza como medida suprema de valor.

Intrinsicamente ao conceito de *décadence* – que filósofo faz questão de escrever sempre em francês – está a crítica que Nietzsche faz ao cristianismo, relacionada ao conceito de *vontade de potência*. Este conceito estava planejado para dar nome a uma obra do autor, que não foi concretizada, mas seu material se encontra diluído em dois livros do autor: *O Anticristo* e *Ecce Homo*, como cita Scarlett Marton em seu artigo *Nietzsche: da análise psicológica à fórmula da décadence*, presente na revista *Cadernos Nietzsche*. Além disso, o conceito de *décadence* também permeia outros dois livros: *O Caso Wagner* e *Crepúsculo dos Ídolos*. Isso ocorre pois todos os quatro livros são do mesmo ano de produção: 1888, o último ano em que Nietzsche foi intelectualmente ativo. É consenso entre a maioria dos estudiosos do autor a aproximação do tema desses quatro livros. Entretanto, é preciso dizer que o conceito de *décadence* não é original do pensamento de Nietzsche. Segundo a nota vinte e quatro presente em *Crepúsculo dos Ídolos*, da edição da Companhia de Bolso, o tradutor, Paulo César de Souza, esclarece que os termos *decadents* e *décadence* “Foram tomados do crítico e romancista francês Paul Bourget, um de seus autores favoritos” (NIETZSCHE, 2017, p. 97).

Já no segundo aforismo de *O anticristo*, o autor inicia uma explicação sobre o que para ele seria a *vontade de poder* e como esse conceito é totalmente contrário ao *cristianismo*:

O que é *bom*? – Tudo o que eleva o sentimento de *poder*, a *vontade de poder*, o próprio poder no homem.

O que é *mau*? – Tudo o que vem da *fraqueza*.

O que é *felicidade*? – O sentimento de que o poder cresce, de que uma resistência é superada.

Não a satisfação, mas mais poder; sobretudo não a paz, mas a guerra; não a virtude, mas a capacidade (virtude à maneira da Renascença, a *virtù*, virtude isenta de moralina). (NIETZSCHE, 2016, p. 10 e 11, grifo nosso)

O cristianismo popularizou ao mesmo tempo que impôs ideais de seres humanos fracos, o que mais tarde levou aos valores decadentes da modernidade. Essa religião transformou o ser humano em um “(...) animal doméstico, o animal de rebanho, o animal doente (...)” (NIETZSCHE, 2016, p. 11). Ao contrário, o indivíduo forte, para o pensador, está sempre à procura de sua superação. Segundo Nietzsche o cristianismo travou uma guerra contra o tipo mais elevado de ser humano:

(...) ele proscreveu todos os instintos fundamentais desse tipo, ele destilou desses instintos o mal, o homem mau – o ser forte como tipicamente reprovável, o “réprobo”. O cristianismo tomou o partido de tudo o que é fraco, baixo, malogrado, transformou em ideal aquilo que contraria os instintos de conservação da vida forte; corrompeu a própria razão das naturezas mais fortes de espírito, ensinando-lhes a perceber como pecaminosos, como enganosos, como tentações os valores supremos do espírito. (NIETZSCHE, 2016, p. 12)

Os valores cristãos continuam influentes na modernidade, pois criaram um tipo de cultura ubíqua. Para Nietzsche, esses valores são os *valores de décadence*. O filósofo afirma que um dos sinais de um indivíduo corrompido é a negação de seus instintos. Para ele, onde falta a *vontade de poder* há o declínio, que leva à sociedade decadente e, conseqüentemente, ao *niilismo* e à vontade de nada, sendo o ápice da *décadence*, ou, também, o *nada de vontade*, o qual seria o esgotamento pleno do espírito.

Nietzsche remonta a *décadence* há milênios. Segundo ele, Sócrates e Platão são sinais da decadência da civilização grega. Para o pensador, eles não eram gregos em sua essência. Os chama de pseudogregos ou antigregos em sua obra *Crepúsculo dos Ídolos*, no segundo capítulo, intitulado “O problema de Sócrates”. Um dos maiores óbices que Nietzsche encontra em Sócrates e Platão é a dialética. Para ele, a dialética é um recurso dos fracos, que por não terem outras armas, não têm outra escolha além de utilizá-la. Esse é o motivo, para o autor, de os judeus também terem utilizado a dialética para posteriormente formar sua moral sacerdotal, do fraco, que conseguiu dominar a moral nobre.

Com Sócrates, o gosto grego se altera em favor da dialética: que acontece aí apropriadamente? Sobretudo, um gosto *nobre* é vencido; com a dialética a plebe se põe em cima. Antes de Sócrates se rejeitava, na boa sociedade, as maneiras dialéticas: eram tidas como más maneiras, eram comprometedoras. A juventude era advertida contra elas. (NIETZSCHE, 2017, p. 16)

O uso e a supervalorização da dialética levavam à negação dos instintos, o que, segundo o filósofo, leva a uma moral patológica. “Ter de combater os instintos – eis a fórmula da *décadence*: enquanto a vida *ascende*, felicidade é igual a instinto” (NIETZSCHE, 2017, p. 18, grifo original). Segundo o pensador, não podemos esquecer nossos corpos e instintos para filosofar, pois o conceito se submete à expressão do sentimento e de relações e não ao contrário.

Segundo Nietzsche, os alemães são os grandes culpados pela continuidade do cristianismo mesmo após o Renascimento, como afirma em *Ecce Homo*:

Pouco faz, um juízo idiota *in historicis*, uma frase do afortunadamente já defunto Vischer, suábio esteta, correu os jornais alemães como uma “verdade” à qual todo alemão devia dizer amém: “A Renascença

e a Reforma, juntas apenas constituem um todo – o renascimento estético e o renascimento moral”. – Diante de tais frases chega ao fim a minha paciência, e eu sinto vontade, tenho mesmo o dever, de dizer aos alemães o que já carregam na consciência. *Todos os grandes crimes culturais de quatro séculos carregam eles na consciência!*... E sempre pelo mesmo motivo, por sua tão entranhada *covardia* em face da realidade, que é também a covardia ante a verdade, por sua insinceridade, que neles se tornou instinto, por “idealismo” ... Os alemães despojaram a Europa da seriedade, do sentido de sua última *grande* época, a época da Renascença, no momento em que uma mais elevada ordem de valores, em que os valores nobres, afirmadores da vida, alicerces do futuro, haviam triunfado na própria sede dos valores opostos, de *declínio* – e até nos instintos dos lá sediados! Lute-ro, esse frade fatal, restaurou a Igreja e, mil vezes pior, o cristianismo, no momento em que este sucumbia... O cristianismo, *essa negação da vontade de viver tornada religião!* (NIETZSCHE, 2008, p. 97 e 98, grifos originais)

1 A CRÍTICA A WAGNER

Para Nietzsche, o compositor Richard Wagner (1813-1883) é o maior exemplo de um ser humano *décadent* e ele o utiliza como tal para tratar sobre o assunto. Em sua obra intitulada *O caso Wagner*, afirma, já no prólogo, que Wagner resume a *modernidade*. Segundo o filósofo, um indivíduo fraco cria uma arte doente que por sua vez adoce a sociedade. Nesse sentido, Wagner é o maior exemplo desse tal indivíduo. O pensador também salienta que a arte de Wagner é falsa, e está voltada apenas ao apelo das massas. A falsidade da arte de Wagner está ligada, em partes, ao seu idealismo adquirido após a influência de Schopenhauer em suas obras. No prólogo de *Ecce Homo*, Nietzsche salienta que

Eu não construo novos ídolos; os velhos que aprendam o que significa ter os pés de barro. *Derrubar ídolos* (minha palavra para *ideais*) – isto sim é meu ofício. A realidade foi despojada de seu valor, seu sentido, sua veracidade, na medida em que se *forjou* um mundo ideal... O “mundo verdadeiro” e o “mundo aparente” – leia-se: o mundo *forjado* e a realidade... A *mentira* do ideal foi até agora a maldição sobre a realidade, através dela a humanidade mesma tornou-se mentaz e falsa até em seus instintos mais básicos – a ponto de adorar os valores *inversos* aos únicos que lhe garantiriam o florescimento, o futuro, o elevado direito ao futuro (NIETZSCHE, 2008, p. 15 e 16, grifos originais).

O filósofo explica que Wagner estraga a música ao se apoiar demais em elementos narrativos, tornando sua ópera nada mais do que um teatro. O teatro, para Nietzsche, é uma

forma de arte que está abaixo das demais. Em seu primeiro pós-escrito a respeito da obra *O caso Wagner*, Nietzsche afirma:

Mas é preciso dizer cem vezes aos wagnerianos o que o *teatro* é: sempre algo *abaixo da arte*, sempre algo secundário, tornado grosseiro, algo torcido, ajeitado, mentido para as massas! (...) O *teatro* é uma forma de *demolatria* [adoração do povo, das massas] em matéria de gosto, o teatro é uma *rebelião das massas*, um plebiscito *contra* o bom gosto... É precisamente isto o que demonstra o Caso Wagner: ele ganhou a multidão – ele estragou o gosto, ele estragou até para a ópera o nosso gosto! (NIETZSCHE, 2016, p. 36, grifo nosso)

Nietzsche primeiramente se aproximou de Wagner, pois no início ambos tinham ideais em comum: restaurar o espírito da música à semelhança dos gregos antigos, utilizando a música como afirmação da vida. No entanto, após Wagner conhecer Schopenhauer, o compositor muda completamente seus objetivos, e passa a fazer uma música para redenção e ascese. Em *O Caso Wagner* Nietzsche declara:

(...) Um acidente. A nave foi de encontro a um recife; Wagner encahlhou. O recife era a filosofia schopenhaueriana; Wagner estava encahlhado numa visão de mundo *contrária*. O que havia ele posto em música? O otimismo. Wagner se envergonhou. Além disso, um otimismo para o qual Schopenhauer havia criado um adjetivo mau – o otimismo *infame*. Ele envergonhou-se novamente. Meditou por longo tempo, sua situação parecia desesperada... Enfim vislumbrou uma saída: o recife no qual naufragara, e se ele o interpretasse como *objetivo*, como intenção oculta, como verdadeiro sentido de sua viagem? Naufragar *ali* – isso era também uma meta. *Bene navigavi, cum naufragagium feci...* [Naveguei bem, ao naufragar]. E ele traduziu o *Anel* em schopenhaueriano. Tudo vai torto, tudo afunda, o novo mundo é tão ruim quanto o velho – o *nada*, a Circe indiana nos acena... (...) (NIETZSCHE, 2016, p. 17, grifos originais)

Além disso, a união de Wagner e Bismarck foi decisiva para que o compositor se agarrasse ainda mais em ideais desprezados por Nietzsche, relacionados à nova cultura que Bismarck queria que fosse produzida na Alemanha, com a finalidade de educar o povo para seguir o caminho da industrialização, que enriqueceria e fortaleceria o país. É preciso antes de tudo, introduzir a figura de Bismarck para que se entenda os motivos de sua importância. Bismarck foi um nobre, diplomata e político alemão. Tornou-se primeiro-ministro da então Prússia (1862-1890) e foi um dos responsáveis pela unificação da Alemanha enquanto país, após a Guerra Franco-Prussiana. Após isso, se torna o primeiro chanceler do Império Alemão.

No capítulo dedicado ao *Caso Wagner* em *Ecce Homo*, Nietzsche afirma:

Para fazer justiça a esse trabalho, é preciso sofrer do destino da música como de uma ferida aberta. – *De que* sofro, quando sofro do destino da música? Do fato de que a música foi despojada do seu caráter afirmativo, transfigurador do mundo, de que é música de *décadence* e não mais a flauta de Dionísio... (NIETZSCHE, 2008, p. 96, grifos originais)

Durante grande parte do *Caso Wagner*, Nietzsche evidencia que Wagner seria o “artista” da *redenção*. Cita diversas obras de Wagner nos quais os personagens passam por algum tipo de narrativa que os redime. O uso narrativo que o compositor faz do cristianismo em suas obras é visto com maus olhos pelo filósofo, já que se torna uma forma de popularizar valores decadentes, que levam ao *niilismo*.

Para o filósofo, a música de Wagner é uma música feita para os espíritos cansados da época *décadent* em que vivem: “Wagner é uma grande corrupção para a música. Ele percebeu nela um meio para excitar nervos cansados – com isso tornou a música doente. Não é pouco o seu talento na arte de aguilhoar os totalmente exaustos, de chamar à vida os semimortos.” (NIETZSCHE, 2016, p. 19)

Além disso, a música de Wagner, segundo Nietzsche, era feita para entreter e estimular as emoções, causando uma superexcitação do mecanismo nervoso (NIETZSCHE, 2016, p. 19). Nada, para o pensador, resumiria melhor a modernidade. Entretanto, a arte que engrandece o ser humano não deve ser feita com esses fins: “Não admitamos jamais que a música ‘sirva para recreação’; que distraia, que ‘dê prazer’. *Jamais devemos dar prazer!* Estamos perdidos, se houver um retorno da concepção hedonista da arte...” (NIETZSCHE, 2016, p. 22, grifo original).

É preciso salientar que como Wagner, Nietzsche também foi um admirador da filosofia de Schopenhauer em sua juventude, conhecendo o autor aos seus vinte e um anos de idade, no ano em que abandona seus estudos em teologia e inicia o curso em filologia clássica em Leipzig. Entretanto, ao desenvolver sua filosofia, Nietzsche não é mais influenciado por Schopenhauer e passa a pensar de forma bastante distinta de sua antiga inspiração. A cosmologia de Schopenhauer é a *vontade*. Já a cosmologia de Nietzsche se explica pela *vontade de potência*. Ele detalha bastante esse pensamento na obra *A Gaia Ciência*, quando Nietzsche começa a dialogar com as ciências naturais, inicia-se o processo de criação de sua cosmologia, o que, consequentemente, o afasta das influências anteriores. O livro *Humano, demasiado humano 1* marca sua ruptura com Schopenhauer, e consequentemente de Wagner, que não aprovou o livro. Segundo o sumário cronológico da vida de Nietzsche presente no início de *Ecce Homo*, “O livro é mal-recebido pelos Wagner: atribuem o seu ‘novo modo de pensar’ à influência do judeu Paul Reé. Wagner publica um ataque a Nietzsche, sem mencionar seu nome” (NIETZSCHE, 2008, p. 9 e 10). Nesse livro, Nietzsche abandona todas as metafísicas, inclusive a negativa. A crítica à metafísica é o assunto principal já no primeiro capítulo da

obra e perpassa todo o pensamento nietzscheano posterior. Em *Humano*, Nietzsche coloca muito da influência de Darwin em sua fisiologia e naturalismo, conseguindo, dessa forma, ir além de Schopenhauer, como afirma Wilson Antonio Frezzati Júnior em seu artigo *Os fragmentos póstumos sobre Darwin*.

A obra *A origem das espécies* é publicada pela primeira vez em 1859. Nietzsche, por sua vez, começa a ter contato com a teoria de Darwin a partir de 1870. Sua doutrina da *vontade de potência* é grandemente influenciada por seus estudos de fisiologia, assim como sua moral e o conceito de *décadence*. Além disso, Nietzsche vai além das teorias fisiologistas, criando seu pensamento original, baseando-se nessas concepções. Segundo o pensador, existe no mundo um conflito de forças que acontece o tempo todo. Nesse sentido, o mundo seria uma relação de forças conflituosas, existindo forças ativas e reativas. As forças mais potentes, ao subjugar as mais fracas, dão uma nova direção a elas. A *vontade de potência* se regozija em ser resistida. Aquilo que se opõe é aquilo que permite ao indivíduo avançar. Sendo assim, nada é teleológico para Nietzsche. As coisas são direcionadas no próprio conflito existente no mundo. Nietzsche discorda dos evolucionistas darwinianos ortodoxos que afirmam que a vida se desenvolve por meio do instinto de autoconservação. Para o teórico alemão, a autossuperação vem em primeiro lugar, acompanhada por uma *vontade de dominação* que nada mais seria que o seu conceito de *vontade de potência*.

No prólogo de *O Caso Wagner* Nietzsche declara: "(...) era-me necessária uma disciplina própria – tomar partido contra tudo doente em mim, incluindo Wagner, incluindo Schopenhauer, incluindo os modernos sentimentos de 'humanidade'" (NIETZSCHE, 2016, p. 9).

2 A MORAL NOBRE E SUA RELAÇÃO COM A VONTADE DE POTÊNCIA

No epílogo de *Caso Wagner*, Nietzsche menciona a moral do senhor ou moral nobre:

("romana", "pagã", "clássica", "Renascença") (...) sendo a linguagem simbólica da vida que vingou, que *ascende*, da vontade de poder como princípio da vida. A moral dos senhores *afirma* tão instintivamente como a cristã *nega* ("Deus", "além", "abnegação", puras negações). A primeira partilha sua abundância com as coisas – transfigura, embeleza, *traz razão* ao mundo —, a segunda empobrece, empalidece, enfeia o valor das coisas, *nega* o mundo. (NIETZSCHE, 2016, p. 42, grifo existente)

Para Nietzsche, os nobres ou senhores têm, portanto, uma moral totalmente baseada no conceito de *vontade de potência*. A moral dos senhores era o que primeiramente definia o que era bom e ruim, antes de ser suplantada pela moral dos sacerdotes. *Senhor*, *guerreiro* ou *nobre*, eram nomes que representavam um tipo de vida afirmativa. Os *sacerdotes* eram sua antítese; perseguiam um ideal de vida ascético. Rejeitavam esse mundo em função do próximo, do além-vida. Nietzsche discute longamente esses conceitos em seu livro *Genealogia da moral*. Assim surge seu conceito de *amor fati*, que se resume em amar e valorizar o mundo

que temos, pois é o único que temos. Viver uma vida desprezando o mundo em que habitamos leva à fraqueza de espírito, à *décadence*. O *valor dos valores* para Nietzsche é a *vida*. Sem a vida, nada temos; a vida é para ele esse conjunto de forças e impulsos. É *vontade de potência*.

A *nobreza* representa um estilo de vida baseado na afirmação da *vontade de potência*, na busca por autenticidade e por expressão plena da própria força e vitalidade. Os nobres são aqueles que se destacam pela sua capacidade de dominar as circunstâncias, de superar os obstáculos e de viver de acordo com seus próprios valores e convicções, em conformidade com a sua natureza aristocrática e superior. Por sua vez, os *sacerdotes* negam a *vontade de potência* e buscam pela transcendência e pela redenção espiritual através da renúncia, da humildade e da submissão. São aqueles que valorizam a interioridade, contemplação e renúncia aos instintos e desejos terrenos em favor de uma suposta vida espiritual superior.

Para Nietzsche, a vida sacerdotal é uma forma de domesticação dos instintos. A relação entre a classe sacerdotal e a *vontade de potência* é de oposição e antagonismo, o que Nietzsche vê como uma *negação da vida*. Há, portanto, um jogo de forças entre os *guerreiros* e *sacerdotes*. Quem ganha essa luta é quem determina a moral vigente. Apesar de a crítica a modernidade estar presente de forma mais candente em suas obras finais, as quais foram analisadas neste artigo, já era possível perceber vislumbres em suas primeiras obras, de modo que essas reflexões perpassam todas as fases de seu pensamento, detalhando-se mais nas obras analisadas nesse artigo. A doença mental de Nietzsche marca o encerramento precoce às críticas à modernidade que o autor desenvolvia em suas obras finais.

CONCLUSÃO

O que se pode perceber ao analisar a obra nietzscheana é que os *sacerdotes* ganharam a guerra de ideais. Esses ideais sacerdotais se convergem aos ideais platônicos e socráticos e, futuramente, aos ideais cristãos. Por fim, os ideais cristãos se relacionam profundamente com a obra de Schopenhauer que, posteriormente, influenciará Wagner. Além disso, Wagner se encontra em um contexto muito específico no qual os seus ideais alcançaram a oportunidade de serem amplificados nacional e generalizadamente. Trata-se do contexto da Unificação Alemã e da parceria wagneriana com Otto von Bismarck. Nesse artigo, foi possível abordar um pouco das críticas que Nietzsche faz a cada uma das figuras citadas nesse período histórico, que se relacionada como um todo a crítica que o filósofo faz a modernidade.

REFERÊNCIAS

- FREZZATTI JR, Wilson. Os fragmentos póstumos sobre Darwin. Estudos Nietzsche, Curitiba, v. (1), n. (2), p. (403-419), (jul./dez.) 2010.
- MARTON, Scarlett. Nietzsche: da análise psicológica à fórmula da *décadence*. Cadernos Nietzsche, v. (41), n. (2), p. (45-62), (Maio/agosto), 2020.
- NIETZSCHE, Friedrich. Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *O caso Wagner: um problema para músicos; Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

NIETZSCHE, Friedrich. *O anticristo: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

Artigo submetido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Brígida Caroline de Resende é graduada em Filosofia pela Universidade Federal de São João del Rei - Minas Gerais. Integrante do Grupo de Pesquisa e Extensão Hipátia (UFSJ) o qual faz parte da Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. Participa do Grupo de Estudos Nietzsche, Niilismo e Cultura (UFSJ-CNPq), do qual é membro fundadora. Interessa-se pelo pensamento nietzscheano em temas relacionados a cultura, política e estética, desenvolvendo os conceitos de Kultur e Bildung, focados na primeira fase do pensamento do autor. Mestranda no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São João del Rei sendo bolsista pela CAPES nesse programa. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-7140-7534>. E-mail: brigidafacul@gmail.com.

Endereço: Praça Dom Helvécio, 74, Dom Bosco, 36301160 - São João del Rei, MG

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Me. Felipe Cordeiro Alves / Prof. Doutorando Francisco Alvarenga Junnior Neto